

Maria Ornélia Marques e
Tânia Regina Dantas

A pedagogia viva de Paulo Freire

Em março deste ano a coordenadora geral do CEAP, professora **Maria Ornélia Marques** e a coordenadora do Curso de Educação de Jovens e Adultos do campos de Salvador da UNEB - Universidade do Estado da Bahia, a professora **Tânia Regina Dantas** participaram do II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire em Bologna, na Itália, apresentando seus projetos na área de formação de educadores. O encontro reúne educadores do mundo inteiro que trabalham na perspectiva freiriana com o objetivo de preservar e avançar os estudos de Paulo Freire que mais que brasileiro, é cidadão do mundo e mais que um teórico da pedagogia, alguém que traduziu a visão social da educação. Valendo-se de suas experiências elas levantam questões em torno da Educação de Jovens e Adultos, tema ainda pouco explorado e nos falamos do resultado desse encontro que é a Carta de Bologna - Movimento pela UNIVERSITAS Paulo Freire (UNIFREIRE).

Por Zulamar Aurélio*

*Pedagoga e Assistente Editorial da Revista de Educação CEAP.

O que é o Fórum Paulo Freire? E o que é o Instituto Paulo Freire?

Ornélia: O Fórum Paulo Freire consiste num espaço de estudo e atualização do legado de Paulo Freire, bem como do fortalecimento de vínculos entre pessoas e organizações que desenvolvem trabalhos e pesquisas na perspectiva freiriana. Sua concretização se dá de duas formas: na realização de um encontro internacional bienal e um fórum de debates via internet.

Tânia: O Instituto Paulo Freire é uma organização inspirada pelo próprio Paulo Freire e pretende ser, segundo seu coordenador, o Prof. Moacir Gadotti, um amplo, fecundo e generoso encontro de instituições, de projetos, de sonhos e de pessoas que fertilizam o inusitado, que se querem homens e mulheres sujeitos da história...capazes de realizar a transformação social. Tem entre seus objetivos, organizar estudos, eventos, cursos, serviço de consultorias etc., além de produção, edição e publicação de trabalhos baseados no pensamento freiriano.

Qual o significado de um Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire?

Ornélia: O I Encontro Internacional do Fórum aconteceu em São Paulo, em 1998, organizado pelo Instituto Paulo Freire. O II Encontro Internacional aconteceu na Itália, organizado pela Faculdade de Ciências da Formação da Universidade de Bologna. É importante lembrarmos que a Universidade de Bologna, a mais antiga de toda Europa, foi a primeira universidade estrangeira a acolher Paulo Freire quando ele foi exilado.

Tânia: Essa pergunta tem duas direções. A primeira é sobre a intenção, a finalidade, o objetivo das pessoas que pensaram esse encontro. Acredito que é a maneira mais apropriada de resgatar a grande contribuição desse educador brasileiro e uma forma de reconhecer a sua obra. A aula inaugural aconteceu justamente no salão onde Paulo Freire recebeu o prêmio de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Bolonha e isto é de um significado muito forte. Na outra direção é o que nós conseguimos como resultado desse evento. Ele se concretizou num documento chamado "Carta de Bologna" onde constam os

compromissos assumidos por todos educadores, estudantes, organizadores que participaram do encontro. Então uma coisa é a intenção e outra é a concretização.

Que compromissos foram assumidos na "Carta de Bologna"?

Ornélia: um compromisso fundamental assumido nessa carta é o de continuar reafirmando a pedagogia libertadora. Uma das discussões básicas deste Encontro girava em torno de questões tais como quem são os excluídos do século XXI? Quem são os analfabetos hoje? Se discutiu muito que, numa sociedade marcada por princípios neoliberais e tão fascinada pelo novas tecnologias da comunicação e da informação, mais do que nunca se faz necessária uma pedagogia crítico-libertadora, conscientizadora. Portanto, não se trata de repetir Paulo Freire, mas reinventá-lo, como ele mesmo gostava de dizer que era preciso reinventar o mundo para evitar a reprodução.

Tânia: Esse evento, que contou com a participação de educadores comprometidos e reconhecidos internacionalmente como Moacir Gadotti, Francesco Gutiérrez e Fausto Telleri, foi uma etapa de um trabalho muito importante e que a gente deve continuar em torno dos compromissos assumidos nessa carta. Desses podemos destacar: a realização do terceiro encontro que deverá acontecer dentro de dois anos em Losangeles nos EUA, criar em cada Instituição de Ensino Superior um núcleo da UNIFREIRE, buscar o reconhecimento de todos os certificados e titulações das pessoas que formal ou informalmente concluíram estudos, pesquisas, práticas...

E o que é a Universidade Paulo Freire ?

Tânia: A UNIFREIRE é uma rede de núcleos da Universitas Paulo Freire "voltada para a formação de pesquisadores e educadores comprometidos com a causa dos oprimidos, de modo a contribuir, organizar e consolidar uma rede de pólos de revisão crítica do papel da Universidade no novo milênio", bem como, desenvolver programas e projetos que oportunizem a libertação e a promoção dos excluídos.

Quem participou desse Encontro Internacional? Como foi a participação da delegação brasileira?

Ornélia: Participaram uma média de 200 educadores, representantes de quase todos os continentes. No nosso grupo, por exemplo, tinha representantes do Japão, Alemanha, Egito, Itália, Espanha, Romênia e Brasil. Por ser um educador brasileiro, considero que o Brasil teve pouca representação. Foram apresentados trabalhos de São Paulo, Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul, Paraná e outros. O que nos chama a atenção é que a América Latina continua muito presente. Contamos com uma presença massiva de latino-americanos da Venezuela, Colômbia, Chile, Bolívia, etc. Nos trabalhos apresentados se percebia claramente a dialética da denúncia e do anúncio, característica do pensamento de Paulo Freire. Experiências que deixavam claro que teoria e prática trabalham em harmonia, são mutuamente ensinadas e juntas constituem uma práxis dialética. Em síntese ainda continua válido o tripé: conscientização, politização e libertação.

Chama a atenção o fato de ser uma proposta pedagógica aplicada quase que no mundo inteiro. Qual o ponto de união entre tanta diversidade?

Ornélia: Eu diria que o ponto de união está no compromisso com as questões sociais prementes do nosso tempo e no princípio de que a verdadeira educação é libertadora. São as questões sociais, o problema da dominação, das relações sociais injustas presentes em todo o mundo. Por exemplo, nós ouvimos o relato da experiência de um professor japonês que alfabetiza, na língua japonesa, um grupo de brasileiros no Japão. Qual a necessidade desses brasileiros se alfabetizarem em uma outra língua? O que fazem esses brasileiros no Japão? A resposta é simples: são brasileiros, descendentes de japoneses, que saíram em busca de uma vida melhor. Aquilo que os nordestinos, sem qualificação para o trabalho na cidade, fazem quando vão para São Paulo e sem opção acabam indo para o canteiro de obra da construção civil. Os jovens brasileiros sem perspectivas nesse país que pouco lhes oferece vão para outro país e lá chegando se deparam com dificuldades. Portanto, as formas de domi-

nação, as desigualdes não têm fronteiras, são ressignificadas de acordo com a cultura, com a cor da pele, com o gênero, a estrutura econômica, etc. As condições necessárias e urgentes para uma educação como prática da liberdade estão presentes em todas as sociedades, daí a universalidade do pensamento de Paulo Freire. Uma vez entendida a pedagogia freiriana, vemos que ela é centrada na libertação humana da opressão não apenas no Brasil, mas em todo lugar onde a opressão existe. Então, enquanto sua teoria tem origens situadas, suas aplicações são potencialmente muito mais amplas.

Quando se houve dizer: aqui é utilizado o método Paulo Freire... Destas experiências não teria aquelas que o estão deturpando?

Tânia: Dar ênfase ao método Paulo Freire já é uma deturpação. Certa vez Paulo Freire disse: eu não criei nenhum método. O que eu criei foram alguns princípios que poderiam se transformar em método de trabalho e aprendizagem. Na verdade o que ele criou foi uma teoria que pode gerar diversos métodos. Esses aspectos teóricos que ele deixou como legado para quem trabalha na área de educação eles permanecem de forma bastante significativa até hoje. A questão da humanização, a crítica à educação tecnicista, como também, a exarcebção da técnica, da supremacia do computador são ainda bastante questionáveis. Devemos então, por em destaque não o método, a técnica, mas o homem, o ser humano que é o eixo central de qualquer processo de aprendizagem. O legado de Paulo Freire precisa ser retomado. A questão da opressão, essa dicotomia entre opressores e oprimidos é muito criticada por alguns educadores que acham que é um reducionismo na pedagogia de Paulo Freire. Eu acho que essa situação permanece até hoje tal como o exemplo dos brasileiros que estão no Japão numa situação de exploração. Chama-me a atenção a Pedagogia da Esperança, para resgatar as boas experiências, as coisas que deram certo, como a experiência em que Paulo Freire alfabetizou trabalhadores num curto espaço de tempo na época da implantação da sua proposta pedagógica, na qual percebe-se uma motivação muito forte. A questão política também deve

estar muito presente em qualquer processo educacional. Como o próprio Paulo Freire dizia: educar é um ato político. Por tudo isso, por todos esses aspectos colocados a pedagogia de Paulo Freire tem seu valor, está viva e é atual. Agora se pegarmos a metodologia sabemos que tem outras novas, mais atuais, trazidas pela era da comunicação trazendo novas formas de aprender, mais rápidas.

Então, existem os que se apropriam da concepção, da teoria pedagógica de Paulo Freire apenas de forma mecânica?

Ornélia: Sim. Esta é uma questão polêmica. Para uns estudiosos, Paulo Freire criou um método, para outros ele criou uma sistemática de alfabetização. Mais importante que qualquer método, são os princípios e a filosofia que fundamentam a prática alfabetizadora. Das muitas propostas alfabetizadoras existentes hoje, poucas são as que, realmente, estão fundamentadas no compromisso de uma educação verdadeiramente libertadora, transformadora. Uma educação que, partindo do saber da experiência, reconhece o direito do aluno dizer a sua palavra, de tornar-se sujeito e dono de sua história. Em síntese, como o trabalho de Paulo Freire ultrapassou as fronteiras da América Latina e África, ele tem sido, frequentemente, apropriado por estudiosos, educadores de adulto, movimentos sociais, de forma a reduzir seu trabalho a uma técnica ou a um método pedagógico.

A constante renovação está tão presente na pedagogia de Paulo Freire que ele mesmo já falava no desenvolvimento sustentável, na ecopedagogia...

Ornélia: A ecopedagogia já é um avanço da proposta de Paulo Freire. O Encontro Internacional foi realizado sob o título Alfabetização segundo Paulo Freire: novas tecnologias e desenvolvimento sustentável. Talvez aquela proposta de alfabetização feita lá em Angicos não seja suficiente nos dias de hoje, mas não podemos esquecer a questão da motivação e do desejo. Quando ele vinha a Salvador assessorar o Projeto Axé ele falava que precisava motivar as crianças

para que elas desejassem aprender, desejassem um mundo melhor, pois do contrário nenhuma pedagogia seria eficiente. Veja que as últimas elaborações dele falam de uma pedagogia do desejo, de uma pedagogia da autonomia. A Pedagogia da Esperança na realidade é uma releitura da Pedagogia do Oprimido que foi escrita em um determinado período da história mas que tinha que ser, era necessário. Hoje, suas reflexões sobre a relação oprimido × opressor seriam outras, até porque as formas de opressão são outras, porém não deixaram de existir.

Os trabalhos apresentados por vocês no Encontro Internacional são dirigidos para a formação de educadores?

Tânia: O trabalho representando a Bahia se baseou no Curso de Especialização de Educadores de Jovens e Adultos. Esse curso está sendo oferecido desde 98, tem uma carga horária de 510 horas onde são oferecidas disciplinas pedagógicas, oficinas, seminários, uma orientação para o trabalho científico que é a monografia como culminância do curso. Foi pensado a partir de uma pesquisa realizada na rede municipal de Salvador onde verificamos que o professor que trabalha com a educação de jovens e adultos geralmente faz um trabalho muito à nível do censo comum, baseado apenas na sua vontade de educar, de ensinar, mas sem uma competência técnica. Beth Oliveira chamava atenção para isso quando dizia: acredita-se que para ser educador de adulto basta ter boa vontade e bom senso.

E qual foi a repercussão desse trabalho?

Tânia: Na apresentação destaquei a questão metodológica. A Itália, através da Universidade Estatal de Roma Tri apresentou uma proposta semelhante de aperfeiçoamento para professores, mas era à nível de educação a distância, sem ensino presencial, onde os professores estudam utilizando o vídeo cassete. Fazem suas leituras, depois são avaliados e o contato com professor é apenas para tirar algumas dúvidas. Então, quando eu apresentei a proposta de um ensino presencial, com trabalho científico, interdisciplinar, bastante diversificado, todos ficaram encantados. A repercussão foi muito boa e eu notei que essa

proposta tem a sua pertinência e uma relevância social muito grande, pois o mundo inteiro está se voltando para essa questão da educação de jovens e adultos como fator primordial para o desenvolvimento sócio-econômico e a inclusão de importantes segmentos sociais nesse processo desenvolvimentista.

Estamos finalmente acordando para essa realidade?

Tânia: Eu acredito que sim por conta desse novo cenário educacional mundial, da globalização da economia, da acelerada inovação tecnológica que está exigindo cada vez mais do trabalhador determinados requisitos, determinadas habilidades que esse sistema formal não está oferecendo. Precisa haver uma adequação às necessidades sociais e do mercado de trabalho que está cada vez mais exigente. Tudo isso justifica a existência de um curso dessa natureza que é basicamente formar educadores que vão atuar com alunos que na sua maioria já são trabalhadores engajados no mercado de trabalho formal ou informal e que precisam adquirir algumas habilidades, algumas competências para se firmarem nesse mercado e buscarem novas oportunidades de trabalho.

Sabemos que não é à-toa denominar-se educação de jovens e adultos.

Ornélia: Ainda temos índices altos de analfabetismo e nossa população economicamente ativa, na sua maioria, tem uma escolaridade mínima de quatro anos. Na cidade de São Paulo quase 80% dos jovens do ensino médio estão na escola noturna. Percebemos, que o espaço da educação de adultos foi ampliado com a presença dos jovens. Estes estão ocupando espaços que antes eram reservados para os mais velhos. Por que? Significa uma conquista dos jovens? Penso que não. São as condições desfavoráveis que estão “empurrando” estes jovens, cada vez mais cedo, para a escola noturna, premidos pela necessidade de trabalhar e pela própria escola que os vêem defasados no processo de aprendizagem. Mas é importante considerar que não podemos mais compreender a educação de jovens e adultos como sinônimo

de alfabetização e de resgate da escolarização perdida. Ela deve ser concebida, também, como espaço de formação permanente, como busca de requalificação...

Qual é o público alvo do curso de especialização de educadores de jovens e adultos?

Tânia: Esse curso está tendo uma procura muito grande, a demanda vem superando todas as expectativas, está se estendendo para outras cidades, além de Salvador, como Juazeiro e Camaçari. A clientela é basicamente constituída por quem tem nível superior, mas além do diploma tem que comprovar a experiência na área de educação de jovens e adultos. Temos a prioridade de atender a quem já está atuando. A maioria dos educadores têm formação para trabalhar com crianças e quando vão atuar com jovens e adultos se deparam com uma série de exigências sociais e profissionais que não dominam, portanto, precisam se reciclar. Esse curso veio a atender a demanda desses professores que estão atuando nesse segmento sem uma formação específica, sem um preparo, uma competência para bem desempenhar o seu trabalho.

Passa pela velha questão: vou trabalhar com adulto por que é mais fácil?

Tânia: Ainda se ouve muito isso e no entanto é falso. Hoje sabemos que para ser educador de jovens e adultos é preciso ter, além da competência técnica, cognitiva e social, um compromisso político. É preciso trabalhar pelo resgate da cidadania desse aluno adulto e para a transformação da educação.

Na realidade não existem muitas opções para quem quer se especializar em educação de jovens e adultos.

Ornélia: São raros os cursos que oferecem habilitação para trabalhar com a educação de jovens e adultos. Aqui na Bahia temos uma experiência pioneira que é a da UNEB, no Campus de Juazeiro que, além de oferecer a habilitação para trabalhar com educação de jovens e adultos no curso de Pedagogia, está

implantando o primeiro curso de especialização em educação de jovens e adultos. No nordeste há um mestrado na Universidade Federal da Paraíba, na linha da educação de jovens e adultos. Também, na Universidade Federal do Rio de Janeiro há um curso de especialização de educação de jovens e adultos. Os estudos nessa área ainda são muito escassos. Para se ter uma idéia, entre os anos 70-90, foram apenas 05 teses e dissertações defendidas nos cursos de pós-graduação em todo o Brasil sobre o ensino noturno, 21 sobre o ensino supletivo e 16 sobre a educação de jovens e adultos.

Tânia: Outra questão que justifica a oferta desse curso é que existe uma vasta literatura sobre a aprendizagem da criança, educação infantil e sobre a educação de jovens e adultos o que existe é uma escassez muito grande de pesquisas e publicações. Esse curso gera uma série de monografias que são resultados de projetos de pesquisas que os alunos desenvolvem sobre essa temática. Mas é preciso devolver esses resultados à comunidade e aos professores que não tiveram oportunidade de realizar o curso mas que precisam ter acesso a essas pesquisas.

E o Projeto de Formação Continuada de Educadores de Escolas Populares?

Ornélia: O projeto de Formação de Professores em serviço, de iniciativa do CEAP, é inspirado em Paulo Freire. Não tem como objetivo formar professores do ponto de vista puramente técnico mas essencialmente formar professores reflexivos, com compromisso, que assumam a Pedagogia do Desejo para mudar a sociedade. Que respeitando a subjetividade dos seus alunos os ajudem a se tornarem autônomos, sujeitos da sua história. Porém, esta é uma tarefa árdua. Quando nos deparamos com a realidade do professor que recebe apenas C\$180,00 por mês, sem condições de desenvolver um trabalho de qualidade, percebemos que a competência técnica só não dá conta. Como nos diz Pedro Demo: é preciso tomar conta do professor, ajudá-lo a ser um pesquisador e construtor de sua prática. Um projeto desse tem como objetivo não só formar para a competência técnica, mas principalmente para a competência humana, política e como resultado o compromisso de querer transformar a sociedade, a escola.

Existe uma relação muito forte entre educação de jovens e adultos e movimentos populares... quando se fala que o mais importante é o compromisso político do educador.

Tânia: Quando eu estive em Portugal, em 1974, fazendo um trabalho de pesquisa, cheguei 15 dias após o golpe militar, na revolução dos Cravos. Eles fizeram uma proposta de alfabetização de adultos, pois no campo o índice de analfabetismo era muito grande, um legado forte da ditadura do Salazar. Então, eles convidaram Paulo Freire para fazer a abertura desse trabalho e eu participei como uma das alfabetizadoras. Fizemos cursos de formação e quando fomos para as regiões, os jornais já haviam divulgado que éramos comunistas e que queríamos apenas roubar-lhes as terras. Em alguns lugares a experiência avançou, mas em outros não podemos nem chegar. Quer dizer a proposta de alfabetização de adultos surgiu no meio de um movimento social, como uma das bandeiras da Revolução Popular.

Ornélia: A proposta de Paulo Freire está inserida nos movimentos sociais, na sociedade civil organizada. Toda minha história de convivência com a pedagogia de Paulo Freire foi no meio dos movimentos sociais. Os movimentos sociais tiveram e têm ainda uma importância enorme. Veja a experiência de Paulo Freire como Secretário de Educação da cidade de São Paulo. Nesse período ele buscou resgatar a participação ativa das comunidades, fazendo com que o movimento organizado elaborasse suas propostas e à prefeitura cabia apenas assessorar e financiar. Quer dizer era o movimento organizado que concebia e executava seu projeto. Nós sentimos que na América Latina, pelas experiências que lá foram apresentadas, que essa relação ainda está muito forte. No Chile, por exemplo, apesar de toda situação do país, um professor relatava o trabalho realizado com trabalhadores rurais a partir de um processo de alfabetização e de formação sindical. No Brasil, percebe-se um refluxo dos movimentos sociais, mas outras formas de organização estão sendo inventadas.

Leia a "Carta de Bologna" na íntegra:
www.paulofreire.org